

Cultura
1-a)

A DESTRUIÇÃO DA CULTURA EM PORTUGAL

III CONGRESSO DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

tese apresentada por Modesto Navarro



A DESTRUIÇÃO DA CULTURA EM PORTUGAL

(Considerações sobre a repressão efectuada pelo sistema vigente ao diálogo e enriquecimento mútuo entre os intelectuais e a população do país)

Tese apresentada ao III Congresso da
Oposição Democrática por Modesto Na-
varro

Após dezenas de anos de perseguição acentuada à cultura popular e à cultura progressista, através da prisão ^{de democratas} e destruição das colectividades, das escolas-oficinas, dos centros escolares, das bibliotecas, de associações recreativas ou de classe, de grupos de teatro, de música, e mais ultimamente através da perseguição a colectividades e encerramento das cooperativas Vis (da Amadora), Proelium (Que-
luz), Centro Alves Redol (Vila Franca), Devir, Euxódio, Trabalhadores de Portugal, ^{Livros} Ateneu Cooperativo (todas de Lisboa), Grau (Viseu), Confronto e Coordenadas (Porto), Húmus (Peniche), Livrops (Alverca), Sextante (Açores), onde se desenvolviam, a par de actividades económicas, actividades culturais e de ensino ^{quase a mesmo grau}, numa experiência democrática que atingiu milhares de pessoas; após a perseguição à cultura através da coscção dos intelectuais, proibindo-lhes os livros, processando, fechando editoras ou limitando-lhes a capacidade económica junto dos bancos ou pela apreensão maciça de edições, cortando ^{os escritores} jornalistas e escritores, ~~processando~~, processando e prendendo até; após dezenas de anos em que a actividade destruidora do chamado Estado Novo, neste campo, tem sido das mais completas ao nível da Europa, se não do mundo, após isto, teimosamente, os intelectuais resistem, estudam, pensam, criam, investigam e escrevem, e extractos cada vez mais largos da população do país lêem, discutem, formam-se, tentam entabular diálogo e trocar experiências com aqueles que sentem próximo, os intelectuais no seu verdadeiro sentido e por isso interessados no avanço e na libertação das classes exploradas.

Ao longo do país, contra os desígnios de quem comanda os "destinos" da nação, e contra a vontade de quem explora as classes trabalhadoras, a realidade sobrepõe-se à ideologia dominante, e a população cresce numa aprendizagem que é lenta nalguns casos, mas real, e for-



te noutros, afirmando-se também no plano cultural, isto em colec-
tividades que são perseguidas, em tentativas de diálogo que são proi-
bidas, colóquios, conferências e outros meios; perfurando a parede
opressora do sistema, destruindo a noite espalhada sobre tudo e so-
bre a cultura, a vontade dos núcleos mais esclarecidos da população
vai traçando um caminho que há-se levar à completa ineficácia a ac-
ção do ~~fascismo~~ ^{fascismo} contra aquilo que era e é (ainda) a cultura popular e
democrática.

Ao trabalho alienante da Televisão, o meio mais forte do sistema
em que vivemos, ao seu teatro velho e desinteressante, ao cinema
falhado, à violência que a TV espalha tanto entre adultos como en-
tre jovens, à utilização de ingredientes para embrutecimento da po-
pulação, opõe-se a escrita daqueles que se não vendem a um governo
dador de cargos chorudos, oferecedor da televisão e outros meios,
da "glória" que apenas conduz a outra forma de embrutecimento e
ruína; opõe-se a realidade em que vive a população trabalhadora,
também espoliada de viver nas suas terras e entre os amigos e fa-
miliares, imigrados lá fora, por essa Europa e não só, e pelo país,
em condições de desenraizamento e exploração que não-de vincular
à história, do modo mais ^{grave} ~~grave~~ o sistema que nos oprime.

Assistimos ao desenrolar entre nós, e participamos nela, activos
ou quietos, de uma luta entre; por um lado, a aspiração de liber-
dade e de progresso humano, que leva finalmente ao desaparecimento
da exploração da maioria pela minoria e das classes, e ao aprovei-
tamento comum do esforço de todos, em colectivo; e assistimos por
outro ^{lado} ~~lado~~ a tentativa de sobrevivência que as classes privilegiadas le-
vem a cabo, destruindo entre ^{muitos} ~~muitos~~ os valores históricos e cultu-
rais e sacrificando vidas na guerra em África (vidas, na maioria
dos casos, de quem não tem conhecimento da verdadeira situação de
estar a defender o capitalismo que o explore e explore os seus),
destruindo rios de dinheiro na construção de um sistema policial
cada vez maior e mais repressivo, a estagnar a força crescente da
luta do lado dos explorados.

Assistem, intelectuais e população, e participam clarificando situa-
ções, seja no campo do económico, aprendendo que é através dos ges-
tos com a guerra em África, da entrada de divisas com a emigração
e o turismo desordenado, dinheiro sem ter a suportá-lo aqui a pro-
dução que fica lá fora, que é através disso, sobretudo, que o cus-

com a força do trabalho ~~com~~ obrigada a sair do país



to de vida aumenta sem parar; seja no campo do ensino, onde estudantes e professores lutam pelo afastamento de "programas" e "mestres" que nunca estiveram vivos, alcançando ao mesmo tempo uma formação actuante e libertadora; seja no campo da saúde, onde médicos, enfermeiros e outros se unem à dura experiência da população por esse país fora, quando por exemplo lhe são exigidas largas somas de dinheiro para se ser hospitalizado ou operado, e unidos traçam de ridículo e descrédito um sistema de saúde falhado; seja na agricultura, onde por um lado se assiste à morte do pequeno proprietário e do rendeiro e por outro à criação de condições que desgastam os dinheiros públicos (complexos agro-industriais e pseudo-recuperativos, por exemplo) para defesa dos grandes e médios proprietários, realidade que não passa despercebida e é denunciada pelos atingidos e pelos estudiosos dos problemas agrários; seja na indústria, onde o proletariado ganha terreno na luta pela sua libertação enquanto os economistas demonstram como, colonizando o regime em África, pode a população ser colonizada aqui, com exploração e exportação de força de trabalho através dos produtos que os monopólios internacionais vêm produzir barato em Portugal, monopólios que agradecem com o enfraquecimento maior da nossa economia e franqueza com que o sistema abre as portas aos seus capitais, pois que estes são logo retirados com juros nas primeiras recolhas de matéria transformada; seja através da informação dada até pelo meio da pessoa a pessoa, a completar a insuficiência de certos jornais e revistas democráticos, limitados pela acção sistemática da censura (agora "exame prévio" mas na mesma), informação a desfazer a mentira dos jornais, emissores e TV do regime, e a completar ainda e a denunciar, em tantos casos, o que dizem certos jornais que pertencem a bancos e a grupos capitalistas que exploram a maioria, a população trabalhadora (é a esta maioria que o sistema económico e político vigente pretende remeter, sempre, à mais completa ignorância do que se passa); seja através dos sindicatos, onde trabalhadores e intelectuais, unidos, progridem na conquista de camadas amplas da população para a luta contra o capitalismo e regime corporativista; através do teatro, da música, do cinema, fomentando convívio onde o regime desejaria ver isolamento, esclarecimento onde os patrões queriam ver obscuridade, através da denúncia das condições de habitação, por exemplo, em que a população vive, com rendas a subirem sem parar, população trabalhadora expulsa das cidades para

cada vez mais longe dos locais de trabalho, deixando as casas para quem se levanta tarde e descansado, e utilizando transportes em condições que atingem as raias do grotesco; através destes meios e de outros, a população e os intelectuais dignos desse nome abrem caminho até chegar à democracia e à liberdade, até construir uma organização social, económica, política e cultural onde todos os trabalhadores se realizarão conforme as suas aptidões intelectuais e físicas, beneficiando completamente do seu trabalho e construindo o futuro em colectivo.

*

Entre muitos exemplos de luta na frente cultural, luta também pela liberdade de associação e de expressão, reprimidas ao máximo neste país, fica o exemplo da população de Alhandra, da de Castanheira e do Sobralinho, em 1970, durante a efectivação do ciclo sobre literatura portuguesa contemporânea, nos concelhos de Vila Franca de Xira e Alhandra, em que a perseguição movida às colectividades e direcções não obsteu a que as sessões com os intelectuais chamados se realizassem até na rua; fica o trabalho dos cooperativistas e dos professores, economistas, historiadores, sindicalistas, escritores e outros (que pelas cooperativas encerradas pelo governo em 1972 passou sem dúvida a maior parte da inteligência portuguesa, durante 1970, 71 e 72), trabalho desenvolvido no campo cultural e económico, todos juntos frente à repressão durante as sessões e nos inquéritos movidos pela P.S.P. e pela D.G.S (P.I. D.E.), enfrentando o decreto 520/71 instituído pelo governo para acabar com as cooperativas e com uma realidade de luta colectiva que não morre mas sim cresce; estes são exemplos de entre outros, ao longo do fascismo, que reforçam a caminhada comum empreendida pela democracia em Portugal também no campo da Cultura.



* Esta parte final encontra-se repetida nas conclusões no sentido de relembrar e de provocar a chegada de mais informações do género; para uma publicação, desaparece nas conclusões.

CONCLUSÕES DA TESE

A DESTRUIÇÃO DA CULTURA EM PORTUGAL

(Considerações sobre a repressão efectuada pelo sistema vigente ao diálogo e enriquecimento mútuo entre os intelectuais e a população do país).

Tese apresentada ao III Congresso de Oposição Democrática por Modesto Navarro.

Em Portugal, desde 1926, as colectividades são perseguidas e encerradas, as cooperativas também, e membros das ^{direcções e} comissões ^{culturais} presos; os livros são proibidos, os escritores e editores processados; os jornais são "apenados" pelos bancos e juntamente com a TV, os jornais e a rádio governamentais dão "informação" e programas destinados a destruir culturalmente, a iludir e a levar a população docilmente ao trabalho; o ensino é caduco e o sistema de saúde de sumeno; a indústria chama-se exploração dos operários e colonização estrangeira aqui em Portugal (enquanto o regime coloniza em África), porque os capitais vindos de fora a isso se dedicam ^{explorando} comprando força de trabalho mais barata ^{gratuita} a um regime que lhe entrega feliz; a guerra colonial na Guiné, em Angola e Moçambique é morte de muitos e defesa do capital de poucos; a emigração é facultada também como venda de mão de obra (barata) aos capitalistas estrangeiros; o problema da habitação é acrescido e apoiado por leis, ou pela falta delas, que fazem uma assoalhada custar já 1.400.000; os transportes colectivos não existem ou na maioria são piores que andar a pé; a política do governo para a agricultura é protecção aos grandes através de Complexos agro-industriais, pseudo-cooperativas e outros meios sustentados pelos contribuintes, e ruína acelerada dos pequenos proprietários e rendeiros; a moeda é alegremente empobrecida pela entrada do dinheiro "morto" da emigração (morto porque aqui não há produção de bens correspondente) e do turismo desordenado, gastos com a guerra colonial em África, e falta da produção nos dois sectores, indústria e agricultura - a moeda tem já, e terá ainda mais, um triste poder de compra ^{subindo assim, sem parar, o custo de vida} neste país o dia a dia é a exploração desenfreada dos trabalhadores que ficaram, a repressão des-



tes por uma máquina policial onde o governo gasta milhões, na tentativa de conduzir a população sempre quieta para o trabalho, coisa que acontece cada vez menos, e atestar o valor da união entre os trabalhadores e destas com os intelectuais, ^{também ativar dos sindicatos, dando-se} o mútuo apoio, ^{na luta contra o sistema explorador e seu governo;} esclarecimento e formação, este é o caminho de ainda maior entendimento, na luta contínua também pela liberdade de associação e expressão, tão reprimidas através do aparelho repressivo e pela censura aos jornais e revistas democráticas (censura agora dita "exame prévio" mas a funcionar na mesma).

Cabe à população trabalhadora e aos intelectuais continuar a luta pelo diálogo e esclarecimento através das colectividades de recreio, de ciclos ou colóquios onde e quando for possível sobre temas económicos, sociais, políticos, culturais; através da defesa e recuperação da literatura, do teatro, da música e outros meios de expressão popular, tão destruídos desde 1926; a frente cultural, o contacto estreito entre a população trabalhadora e os intelectuais, é e será uma das grandes dores de cabeça dos patrões e do governo; desesperadamente a têm atacado, tentando cativar intelectuais dignos, porque só estão com eles os oportunistas e falhados; fechando portas de cooperativas e colectividades onde, a par das actividades culturais, se davam aulas mesmo gratuitas a crianças e adultos, substituindo as escolas e o ensino que não há; desencadeando uma repressão que não atinge nem atingirá a sua finalidade, porque tanto o desejo de escrever, como o de comunicar experiências e saber reais através da palavra falada é uma faculdade humana desenvolvida ao longo dos séculos, e que há-de ajudar à libertação dos povos explorados, entre os quais se encontra o nosso.

Entre muitos exemplos de luta na frente cultural, fica o exemplo da população de Alhandra, da de Castanheira e do Sobralinho, em 1970, durante a efectivação do ciclo sobre literatura portuguesa contemporânea nos concelhos de Vila Franca de Xira e Alhandra, em que a perseguição movida às colectividades e direcções não obsteu a que as sessões com os intelectuais chamados se realizassem até na rua; fica o trabalho dos cooperativistas e dos professores, economistas, historiadores, sindicalistas, escritores e outros (que pelas cooperativas encerradas pelo governo em 1972 passou sem dúvida a maior parte da inteligência portuguesa, durante 1970, 71 e 72), trabalho desenvolvido no campo cultural e económico, todos juntos.



frente à repressão durante as sessões e nos inquéritos movidos pela PSP e pela DGS (PIDE), enfrentando o decreto 520/71 instituído pelo governo para acabar com as cooperativas e com uma realidade de luta colectiva que não morre mas sim cresce; estes são exemplos de entre outros, ao longo do fascismo, que reforçam a caminhada comum empreendida pela democracia em Portugal também no campo da Cultura.

